

O DECÁLOGO DE JOSÉ GOMES DA SILVA

* Roberto Rodrigues

José Gomes da Silva foi um homem polêmico em função das suas posições a favor da reforma agrária. Não encontrando guarida para suas idéias junto à maioria de seus colegas agrônomos e agricultores, procurou-a entre outros agentes, na academia e na política. E presidiu a ABRA (Associação Brasileira de Reforma Agrária), e o INCRA no governo Sarney.

Mas foi um homem à frente de seu tempo, e, com enorme competência, dinamizou a Assistência Técnica Agropecuária em São Paulo, foi Secretário da Agricultura e grande pensador da socioeconomia rural.

Um dos principais pioneiros da introdução da soja no Estado de São Paulo, deixou um legado inestimável às gerações que o sucederam.

Recentemente, um grande agrônomo formado na ESALQ em 1965, José Carlos Gonçalves, enviou-me um texto escrito pelo Zé Gomes no final dos anos 70, chamado “Decálogo da Administração Agrícola”. Passados mais de 30 anos, este documento tem ainda coisas extremamente atuais. Vale a pena visitá-lo, principalmente porque ali estão também sensações, e não apenas technicalidades.

Eis os temas.

“1º. A agricultura é uma mistura de arte, ciência e negócio

Essa frase de Wilson Gee mostra o caráter interdisciplinar, eclético e extra-escolar da atividade agrícola. Assim, quem considerar a agricultura apenas uma arte será um empírico; quem tomá-la somente como ciência será um teórico; e quem fizer dela exclusivamente um negócio acabará virando um infeliz mercador.

A conveniente dosagem desses três componentes, considerada a época, as diferentes explorações e a prioridade conjuntural, dará ao agricultor a chave do sucesso na sua atividade produtiva.

2º. Leve na devida conta o enorme número de variáveis que conformam o negócio agrícola

Terra, capital, mão-de-obra, tecnologia, cada um com numerosos tipos, qualidades, nuances, “timing”, peculiaridade, sutilezas, adequações, cuidados, intensidades, combinações, recombinações, efeitos, tradições, usos, costumes, etc., etc. formam equações imensas para cuja solução é preciso contar com conhecimento, paciência, perspicácia e tolerância. Quem não estiver disposto a isso tudo, fuja da agricultura.

3º. O custo de oportunidade é uma eterna constante

A despeito de nossa posição de país subtropical, a agricultura que praticamos está cada vez mais dependente de “timings” precisos.

Essa assertiva vale para o preparo do solo, plantio, adubações e principalmente para o controle de pragas e moléstias. No tocante à comercialização de safras, é preciso, então, um calendário enorme e um rosário de lembretes. Quem atrasou, dançou.

O custo de oportunidade cresce na medida em que sobem os custos de fatores de produção.

4º. A policultura é mais segura, mas aumenta terrivelmente a complexidade da unidade de produção

O axioma de “não colocar todos os ovos em única cesta” é fortemente contrariado pela complexidade que a unidade agrícola de produção começa a adquirir à medida que aumentam as linhas de exploração.

A fazenda autosuficiente e artesanal é hoje uma alternativa romântica e todos aqueles que insistem em criar galinhas, patos, e coelhos e a fazer horta e jardins ao lado de culturas econômicas (“cash crops”) acabam morrendo do coração no momento em que começarem a calcular os respectivos custos.

Acreditamos piamente que a complexidade administrativa de uma fazenda ou sítio aumenta na razão geométrica do número de linhas de exploração (culturas, criações ou agroindústrias).

Assim, na unidade monocultora, o Fator de Complexidade seria 1; com duas explorações, subiria para 4, com 3 iria para 9 e com 4 já alcançaria 16.

Quem quiser aliar o negócio com a decantada imagem de bucolismo do campo, não deve mexer com muitas atividades. Se, contudo, precisar ganhar dinheiro no agro nestes tempos bicudos de mercados incertos, procure fazer os treze pontos elegendo um número reduzido de explorações que, ao tempo de entrarem em produção econômica, tenham a sorte de encontrarem preços bons, certos e compradores pontuais. Isso cheira a loteria, mas é o que, na prática, tem acontecido com os privilegiados que ganharam dinheiro na agricultura.

5º. Resista à tentação de fazer investimentos não reprodutivos

Todo agricultor é constantemente tentado a realizar uma série de benfeitorias, construções, melhoramentos e aquisições que nem sempre guardam relação com a capacidade de geração de recursos para amortizá-las. Essa tendência – saudável do ponto de vista de cimentar os elos com a terra – precisa ser cuidadosamente dosada para evitar situações difíceis por ocasião dos anos maus, das frustrações de safra e dos banqueiros impacientes.

Amigo meu diz que “mineiro custeia a fazenda com o leite e com a safra de café compra mais terra”. Para alcançar esse milagre do perfeccionismo da Administração Rural é preciso evitar investimentos suntuários, cortar despesas, reduzir custos. Para isso, mesmo em Minas, é preciso ser duro nas compras.

6º. Seja aliado da natureza, não seu adversário

Embora a agricultura econômica possa por vezes apresentar-se como um processo de extração máxima, existem numerosas práticas de conservação em que mais vale imitar a “mãe natura” que tentar contrariá-la.

O cuidado com o solo, o trabalho incansável da fotossíntese, a ajuda dos microorganismos, e controle biológico de pragas e moléstias, a ajuda de São Pedro (o simpático santo chovedor), o respeito à lua, são algumas maneiras em dar as mãos a amigos aos quais não se precisa pagar juros, repor peças ou responder por obrigações trabalhistas.

7º. Terra ruim não se deseja nem para inimigo

Esse ditado sábio de Pedro Ometo, o saudoso e inteligente farejador de terra roxa, contrapõe-se com inegável vantagem à opinião daquele poeta que queria a terra apenas para fixar a planta, o restante ele supria com fertilizantes minerais. Meu sogro, Chico Graziano, discípulo de Pedro Ometo, não deixava por menos: “quem é

doutor pode se dar ao luxo de plantar em solo fraco; eu, como não sou, preciso de terra fértil”. Essa é a explicação histórica de tantos diplomas terem rolado na agricultura, enquanto imigrantes primitivos amontoaram usinas, terras e destilarias.

8º. A mesma terra que esconde os erros dos médicos, mostra as falhas dos agrônomos

Se você cometer enganos na agricultura, não perca por esperar: assim que aparecer a plantinha ou nascer o bezerro você já ficará sabendo.

Não espere que isso aconteça. Pergunte sempre a quem sabe, ouça a quem já fez, inspire-se nos desastres alheios. Minha sogra diz sempre que o erro é experiência dos tolos. Por que insistir em equívocos, se o mundo está cheio de tolos para cometê-los em nosso lugar?

Não é demais, tampouco, vacinar-se contra as inovações miraculosas. Pozinhos de pirlimpimpim que aumentam as colheitas, micróbios atômicos que excitam adubos, variedades gigantesicamente produtivas... Cuidado com elas e seus patronos.

Isso não significa que devemos ser infensos a inovações e a processos de mudança que a ciência agrônoma constantemente nos oferece. Quando eles ocorrem, com nova tecnologia e respaldo experimental, a coisa fica na cara. Deixe que a Estação Experimental mais próxima realize esses ensaios. Elas existem pra isso e outra é a missão do agricultor.

9º. Persiga a produtividade, mas não se esqueça dos custos e da comercialização eficiente

Muitos agricultores costumam manifestar compreensível repulsa por atividades comerciais, preferindo exercer seu talento apenas na fase de plantar e colher.

A importância que os custos crescentes estão tomando no todo do processo produtivo da agricultura, está pondo em perigo esses escrúpulos de especialização. Quem não tiver habilidades para comprar bem seus insumos e vender satisfatoriamente suas safras, raramente conseguirá sobreviver numa agricultura que perde seus subsídios a cada dia que passa e a cada delfim que aparece.

Os custos financeiros devem merecer também especial atenção para não se cair no vermelho, a despeito de altos rendimentos e moderna tecnologia.

10º. Economias de escala não existem na agricultura

A megalomania de alguns administradores e o monetarismo de outros tantos tecnocratas, conseguiram vender também para a agricultura a falsa idéia de que não só o grande é eficiente.

As recentes falências verificadas em algumas grandes empresas agrícolas que tentaram aplicar à agricultura indígena o falso princípio das economias de escala e da integração vertical, acabaram por abrir os olhos dos nossos economistas agrícolas que já estão tendo coragem para escrever, com base no primeiro princípio desde decálogo, que é muito diferente produzir uma centena de fuscas iguaizinhos, último tipo, que lograr ter um cafezal sem falhas, irrepreensivelmente uniforme e produtivo.

Os elevados rendimentos que aparecem nos Concursos de Produtividade nunca pertencem a grandes fazendeiros e tanto em culturas anuais como permanentes, não é preciso uma grande área para uma grande colheita”.

No último “mandamento, “Zé Gomes mostra seu lado “reformista”.

Mas é impressionante como grande parte do que escreveu há mais de 30 anos ainda é perfeitamente aplicável.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**